

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PESSOAS NÃO SURDAS SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA¹

Renan Torres da Costa ²
Eliane Pereira Machado Soares ³

RESUMO

As línguas de sinais são as próprias manifestações da linguagem dos povos Surdos em todas as localidades do mundo, sendo sua língua de interação natural e materna. E por estas línguas possuírem uma modalidade de articulação diferente das línguas orais, diversas crenças lhes são atribuídas por pessoas ouvintes, como é observado na Língua Brasileira de Sinais - Libras (Quadros e Karnopp, 2004; Gesser, 2009; Neves e Quadros, 2015; Sousa e Viera, 2018; Sell e Rech, 2020), contribuindo para a promoção, normalmente, de atitudes linguísticas negativas. As crenças e as atitudes linguísticas são aspectos intimamente ligados para as formulações no que tange a língua, pois são as opiniões, sentimentos e tendências de reações que se tem sobre ela. Com isso, este trabalho busca identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de pessoas ouvintes sobre Língua Brasileira de Sinais através de uma revisão de literatura; ressaltando que esta pesquisa é fruto de uma pesquisa de mestrado, na qual está em desenvolvimento. Assim, nesta investigação utilizamos a pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura como arcabouço metodológico, pautados, sobretudo, em Gil (2002), por meio de livros de linguística sobre a Libras, além de artigos, dissertações e teses em sites de busca, periódicos e repositórios. Diante disso, podemos identificar que ainda existem poucas pesquisas linguísticas acerca das crenças da Libras – muitas da vezes colocadas como mitos –; por outro lado, elas descrevem as crenças percebidas e pesquisadas. Por sua vez, não alcançamos resultados de pesquisas voltadas especificamente para as atitudes linguísticas voltadas à Libras, sendo mais as reações percebidas pelos autores em meio as crenças. Portanto, essa pesquisa identifica e analisa as crenças e atitudes linguísticas de pessoas ouvintes não sinalizantes em relação à Libras, como: a Libras é uma língua; a Libras não é universal; a Libras não é adaptação do português, dentre outras.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas, Libras, Revisão de literatura.

INTRODUÇÃO

O Povo Surdo é caracterizado por uma identidade cultural própria, formada por artefatos culturais específicos e uma visão de mundo baseada na visualidade, que os

¹ Após leituras específicas, esta pesquisa anteriormente intitulada passou-se a empregar a nomenclatura de “pessoas ouvintes” à “pessoas não surdas”.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA e Graduando do Curso de Letras – Libras da Universidade do Estado do Pará - UEPA, torres.renan181@gmail.com;

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professor Associado I da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), eliane@unifesspa.edu.br.

distinguem como sujeitos historicamente situados. Independentemente do grau de perda auditiva, que pode variar de leve a profunda, os surdos compartilham uma cultura distinta que inclui uma língua, a língua de sinais, sobretudo, e outras práticas culturais.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – Libras é a língua de interação e comunicação do Povo Surdo brasileiro dos centros urbanos. Ela é uma língua visual-espacial estruturada a partir de combinações de parâmetros (fonemas), que são as unidades mínimas de qualquer modalidade articulatória de língua, conferindo-lhes *status* linguísticos, além da presença de outros níveis linguísticos. Esses parâmetros incluem a configuração das mãos (CM), o movimento (M), o ponto de articulação (PA), a orientação da mão (Or) e as expressões não manuais (ONM), que juntos formam os sinais utilizados na comunicação. A criação e a evolução dos sinais em Libras estão intrinsecamente ligadas às necessidades comunicativas de seus usuários, ressaltando o papel ativo dos falantes na constituição e manutenção da língua. Sem a comunidade de falantes, a língua não existe, destacando a Libras como uma língua viva e dinâmica, continuamente moldada pelas interações sociais e culturais de seus utentes.

Diante da modalidade articulatória diferente e da ainda pequena difusão, as pessoas que não fazem parte da comunidade surda, de modo geral, atribuem uma série de crenças e atitudes em relação à língua, destacando-se pelo funcionamento, estrutura e demais aspectos linguísticos. Isso, ocasionado, principalmente, por crenças sobre os sujeitos legítimos e usuários da Libras. Essas crenças criam juízos de valor e certos mitos acerca da Libras, gerando também uma contribuição para o surgimento de atitudes negativas, tanto para os sujeitos Surdos, quanto para a sua língua.

As crenças e as atitudes linguísticas são aspectos intimamente ligados para as formulações no que tange língua, pois são as opiniões, sentimentos e tendências de reações que se tem sobre ela. Diante disso, este trabalho se propõe identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras encontradas na literatura da área.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto, utilizamos como arcabouço metodológico nesta investigação a pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura. De acordo com Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Corroborando, Marconi e Lakatos (2017, p. 54) afirmam que a pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção dentro da ciência, tendo como base “livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”. Além disso, segundo as pesquisadoras, há um consenso predominante entre os estudiosos de que os artigos científicos são os principais focos de estudo, visto que representam o conhecimento mais atualizado em uma determinada área. Portanto, essa pesquisa teve como busca livros de linguística sobre a Libras, bem como artigos científicos, dissertações e teses em *sites* de busca, periódicos e repositórios, *SciELO* e *Google Acadêmico*, a saber, sendo atribuídos localizador de busca o nome (i) crenças da Libras, (ii) atitudes linguísticas da Libras e (iii) crenças e atitudes linguísticas da Libras, dos últimos dez (10) anos.

CAMPO TEÓRICO DE CRENÇAS E ATITUDES

Os modos de ser e de pensar constituem uma das características centrais nas interações sociais, exercendo uma influência significativa na formação das personalidades e no alinhamento com os costumes, traços, crenças e hábitos do grupo ao qual o indivíduo pertence. A diversidade, além de enriquecer o tecido social, desempenha um papel crucial na construção de identidades individuais e coletivas. A conformidade com as normas culturais e sociais do grupo é frequentemente uma manifestação de pertencimento e aceitação, o que pode levar a uma visão de mundo homogênea em que os traços culturais predominantes são considerados mais adequados, enquanto outras culturas podem ser estigmatizadas ou alvo de crenças estereotipadas.

As crenças e atitudes linguísticas, nesse contexto, surgem como aspectos intrinsecamente ligados à expressão e perpetuação das identidades dos sujeitos que estão dentro de suas comunidades. As atitudes linguísticas são moldadas por crenças sobre a validade e o prestígio atribuídos a uma língua, tanto em sua forma quanto em

seu uso. Essas crenças são capazes de ocasionar a maneira como as pessoas se enxergam e avaliam os sujeitos de comunidades linguísticas distintas, o que contribui na geração de estereótipos, estigmatizações e preconceitos dos aspectos linguísticos. Desse modo, as crenças e atitudes linguísticas são reflexos de preferências individuais e de poder dentro das relações sociais.

Barcelos (2001, p. 73) afirma que “as crenças são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem em nossas experiências, na cultura e no folclore. As crenças podem ser internamente inconsistentes e contraditórias”. Assim, as crenças linguísticas representam as percepções e concepções das pessoas baseadas em diversos eixos, sendo que elas não possuem uma coerência lógica e que podem variar entre os sujeitos da comunidade.

Barcelos e Abrahão (2006) elaboram, em sua própria visão após diversos estudos na área, a definição de crenças:

Entendo crenças, de maneira semelhante a Dewey (1933), como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneira de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (Barcelos; Abrahão, 2006, p. 18).

Além disso, Barcelos (2001), baseada em Kalaja (1995), diz que as crenças são construídas no processo socio interativo e podem influenciar como os sujeitos na organização e definição de suas tarefas, ou seja, as crenças evidenciam como os sujeitos agem; definitivamente nas ações, nas atitudes.

Para Lambert e Lambert (1981 p. 77-78), as atitudes são classificadas como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Essa definição destaca o universo das atitudes, ressaltando como elas são capazes de moldar e refletir a maneira como os sujeitos interpretam e interagem em sociedade. Com isso, as atitudes relevam as complexidades da percepção e das emoções humanas.

A formação das atitudes envolve três componentes fundamentais: (i) pensamentos e crenças; (ii) sentimentos e emoções; (iii) tendências comportamentais de reação (Lambert; Lambert, 1981). Assim, uma atitude, na esfera da Psicologia

Social, só pode ser plenamente caracterizada quando esses três componentes estão presentes e interagem entre si.

Apesar disso, nem sempre as atitudes são evidentes, uma vez que os sujeitos podem optar por ocultá-las ou disfarçá-las. Isso porque eles aprendem através de experiências com outras pessoas a omitir certas atitudes. Por esta razão, os autores usam “o termo “tendência de reação”, em lugar de “reação”, apenas, para o terceiro componente de atitudes, a fim de indicar que estas não se encontram necessariamente expressas no comportamento ostensivo” (Lambert; Lambert, 1981, p. 79).

Assim, as atitudes linguísticas podem ser entendidas como respostas verbais que se manifestam no nível discursivo. Elas representam respostas e formas do sujeito se posicionar em relação aos aspectos linguísticos, evidenciando suas crenças, valores, concepções e percepções sobre uma determinada língua. Diante disso, as atitudes se manifestam por meio de palavras e reações verbais, colocando suas preferências e julgamentos nos diversos contextos.

De acordo com Santos (2022, p. 32), parafraseando Moreno Fernandez (1998), “as atitudes linguísticas são uma manifestação das atitudes sociais”. Assim, pode-se dizer que as atitudes linguísticas refletem aquilo que é visualizado em âmbito social, isto é, as atitudes sociais em relação à linguagem não podem ser dissociadas do contexto social, uma vez que aquelas influenciam e moldam as percepções e práticas linguísticas destas.

Em vista do apresentado, Santos (2022), tendo como base em López Morales (1993), conclui e detalha as crenças linguísticas e as atitudes linguísticas: a primeira é composta pelos componentes cognitivo e afetivo, o que pode ocasionar no desenvolvimento de crenças; a segunda é caracterizada pelo componente conativo, isto é, pela ação e avaliação, sendo positiva ou negativa.

ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), sem dúvidas, é uma língua, bem como todas as outras línguas de sinais, visto que apresenta todas as características das línguas orais. Sendo assim, não pode ser considerada uma linguagem. Ela tem uma modalidade articulatória diferente daquilo que o senso comum costuma associar às

línguas, isto é, constitui uma produção da fala diferente, bem como a sua recepção. Desse modo, a Libras é tão complexa, completa e abstrata como a língua portuguesa, inglesa, guarani (Ferreira, 2010).

Diante disso, é necessário afirmar que a Língua Brasileira de Sinais dispõe de todos os elementos linguísticos que estão nas línguas naturais, tais como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Todas próprias da sua linguística, não sendo uma adaptação da língua oral. Dessa maneira, “Linguisticamente, pode-se afirmar que a língua de sinais é língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, porque é humana” (Gesser, 2009, p. 27).

Sabe-se que a língua materna é a língua natural (Quadros, 1997) de um sujeito de determinada comunidade linguística. Por isso, “as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específicos e as distingue dos demais sistemas de comunicação” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30).

Assim, constituindo como uma língua natural, por sua vez, ela é heterogênea, visto que nela há variantes de caráter regional, social e histórico. Isso devido aos sujeitos que vivem num corpo social que está sempre em evolução. Consoante Almeida (2016, p. 12), a “Libras não é estática, é uma língua viva que reflete como um espelho as transformações sociais do sujeito surdo”.

A diferença primordial entre as duas modalidades, visual-espacial e oral-auditiva, é no que diz respeito a sua organização fonológica, uma tem como característica a linearidade e a outra possui a simultaneidade. Nesse caso, a linearidade dos fonemas, isto é, uma sequência horizontal é explorada pelas línguas orais e simultaneidade é característica das línguas de sinais, uma vez que articulam os fonemas ao mesmo tempo (Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2008).

Assim, para a realização de um sinal, é necessário a presença de todos os parâmetros da Libras produzidos simultaneamente: configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação da mão e, às vezes, as expressões faciais e corporais. De fato, a Libras possui um léxico baseado na realização ao mesmo tempo dos parâmetros.

Com o avanço das pesquisas linguísticas e, sobretudo, das lutas da comunidade surda brasileira, no ano de 2002, a Libras teve seu reconhecimento como

status linguístico pelo Estado brasileiro. A Lei 10.436/2002 esclarece que a Língua Brasileira de Sinais é o meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, que por meio dela são transmitidas as ideias e fatos por ser um sistema de língua com estrutura gramatical própria (Brasil, 2002).

Além disso, em solo brasileiro, existe uma diversidade de línguas de sinais que são estudadas para classificação e descrição. Um trabalho ainda recente, pois os estudos iniciaram, de fato, por volta da década de 1980 com William Stoke sobre a *American Sign Language* (ASL), quando houve uma quebra do pensamento hegemônico ouvintista sobre o método oralista, de cunho clínico, ser o mais eficaz para ser aplicado ao povo Surdo. Contudo, os estudos linguísticos mais avançados dão-se à Língua Brasileira de Sinais, mais popularmente conhecida como Libras, o aspecto cultural mais utilizado pelo povo surdo brasileiro.

Embora seja a língua de sinais mais difundida e conhecida por parte da população, existe uma série de equívocos relacionados ao funcionamento, estrutura e demais aspectos linguísticos. Esses imaginários criam crenças, juízos de valor e certos mitos acerca da Libras, acarretando diversas atitudes sobre a língua, em grande parte das vezes, negativas.

REVISÃO DE LITERTURA DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DA LIBRAS

Nesta seção, são descritos e analisados os trabalhos e pesquisas acerca de crenças e atitudes linguísticas que envolvem a língua brasileira de sinais. Podemos constatar que ainda existem poucos trabalhos, sendo os dois primeiros obras importantes dos estudos linguísticos da Libras e os outros três são pesquisas que estão em formato de artigo.

Em uma das principais referências dos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), Quadros e Karnopp (2004) apresentam e descrevem, em *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*, seis mitos que são concepções inadequadas relacionadas às línguas de sinais. Esses mitos refletem uma falta de compreensão e reconhecimento das línguas de sinais como sistemas linguísticos completos e naturais, equivalentes às línguas orais em complexidade e expressividade.

O *primeiro mito* sobre as línguas de sinais é que elas seriam apenas formas de pantomima e gesticulação, incapazes de expressar conceitos abstratos. O outro *mito* amplamente difundido é a crença de que a língua de sinais seria universal, ou seja, que todos os surdos no mundo usariam a mesma língua.

O *terceiro mito* é a ideia de que as línguas de sinais são inferiores às línguas orais, sendo meras adaptações destas, com estruturas gramaticais simplificadas. O *quarto mito* sustenta que as línguas de sinais seriam incapazes de representar conceitos abstratos por não apresentarem elementos como preposições e conjunções.

O *quinto mito* afirma que as línguas de sinais não são línguas de verdade, sendo apenas gestos derivados das comunicações dos ouvintes. Essa visão, que tem raízes religiosas e sociopolíticas, desconsidera as estruturas gramaticais próprias das línguas de sinais. Por fim, o *sexto mito* questiona a localização no cérebro responsável pelo processamento das línguas de sinais, sugerindo que, por serem linguagens espaciais, seriam processadas no hemisfério direito.

Em uma outra referência dos estudos da Libras, Gesser (2009) expõe, debate e reflete, em *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*, alguns questionamentos acerca do universo da surdez, observando, sobretudo, as relações estabelecidas das pessoas ouvintes com esse mundo. No conteúdo da obra, são apresentadas falas recorrentes e repetitivas de situações que envolvem Surdos e ouvintes em interações face a face, trazendo para debate as crenças, preconceitos e questionamento relacionados ao povo Surdo.

A obra é dividida em três capítulos organizadas a partir de perguntas ou afirmações que foram registradas e catalogadas pela autora em diversos contextos de ensino de Libras para ouvintes. O primeiro capítulo aborda propriamente as crenças e percepções do *status* linguístico das línguas de sinais; que, no caso deste trabalho, enfocaremos apenas nos aspectos relacionados à língua. O segundo capítulo trata sobre as questões do Surdo enquanto sujeito, que detém de uma cultura e um identidade própria, contrapondo as crenças oriundas dos ouvintes. E o terceiro discute a surdez como deficiência ou problema na perda de sentido, tratando das crenças e preconceitos estabelecidas a partir da visão clínica em contraposição da visão socioantropológica. Diante desses questionamentos, a autora convida a fazer a leitura do livro para refletir acerca das crenças e concepções já cristalizadas, “pois na e

através da linguagem estamos constantemente construindo representações, crenças e significados afirmados, consumidos, naturalizados e disseminados na sociedade, nos espaços escolares e familiares, muitas vezes como ‘normas’ e ‘verdades absolutas’” (Gesser, 2009, p. 10).

Gesser (2009) traz para debate, no início do primeiro capítulo, a crença mais recorrente entre os ouvintes na qual imaginam que as línguas de sinais são universais. “É muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. Ora sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s)” (2009, p. 11). Ela ainda completa dizendo que as línguas de sinais não podem ser pensadas como universais, além do mais de considerar, com essa concepção, uma inferioridade de língua, sugerindo simplificar a riqueza linguística das línguas das comunidades Surdas.

Outra crença apresentada por Gesser (2009) é de se pensar que as línguas de sinais são línguas artificiais, mas essa concepção está equivocada, uma vez que essas línguas são adquiridas de forma natural como parte da evolução de um grupo cultural do povo surdo. Apesar disso, existe sim uma língua de sinais artificial criada para facilitar na comunicação entre surdos de diferentes culturas, sendo conhecida por gestuno, e que muitas comunidades surdas não considera uma língua real. Também existe a crença de se imaginar que as línguas de sinais não detêm de gramática, porém com os estudos linguísticos, iniciados por Stoke em 1960, desmistificam essa crença. Nos estudos do pesquisador estadunidense, foram descritos os níveis fonológicos e morfológicos da ASL, que também se aplicam às outras línguas de sinais. O pesquisador apontou três parâmetros na criação de um sinal, sendo a configuração de mão (CM), o ponto de articulação (PA) e movimento (M). Portanto, de acordo com Gesser (2009, p. 18-19), “as línguas orais e as línguas de sinais são similares em seu nível estrutural, ou seja, são formadas a partir de unidades simples que, combinadas, formam unidades mais complexas”.

Ao pensar na consideração de que as línguas de sinais são mímicas, fica sugerido, segundo Gesser (2009), um preconceito muito grave, uma vez que está associada nessa crença dos ouvintes uma visão embasada de anormalidade. Devido a isso, tem-se ainda os termos pejorativos apregoados aos Surdos: surdo-mudo, mudinho, débil mental, anormal etc. Além disso, a autora esclarece como diferenciar

as línguas de sinais das mímicas ou pantomimas, que enquanto os sinais são símbolos convencionados e de rápida compreensão do referente linguístico, as mímicas demandam tempo para que o outro indivíduo possa compreender o que está sendo expresso, pois nessa representação tem que haver a presença de vários detalhes para que o interlocutor possa “ver” o objeto.

A possibilidade de expressão de conceitos abstratos surge como uma das crenças que desconsideram o *status* linguístico das línguas de sinais. Para Gesser (2009, p. 22), “a pressuposição de que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a língua de sinais é limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto”. Assim, a autora deixa evidente que os sinais não são gestos e que o adequado e comprovado de que essas línguas transmitem e expressam emoções, sentimentos, ideias e quaisquer conceitos abstratos.

Uma crença atribuída é da iconicidade das línguas de sinais. Para muitos do senso comum, existe a tendência de se considerar que a língua dos Surdos é exclusivamente icônica, isto é, os significantes representam de maneira semelhante com o significado. Assim, muitos ouvintes acreditam que todos os sinais são icônicos ou que eram para ser a fim de facilitar a comunicação entre os sujeitos Surdos e ouvintes. É válido dizer que, por trás dessa crença, reforça a ideia de as línguas de sinais serem pantomimas (Gesser, 2009).

Gesser (2009) mostra a crença de que essas línguas podem ser um código secreto utilizado pelos Surdos. Essa ideia é reforçada pela exclusão dos Surdos na sociedade, sendo que muitos deles no passado foram educados em mosteiros, asilos e escolas, e, por algumas vezes, de acordo com a autora, a sinalização era vista como código secreto. Ademais, uma crença atrelada a essa é da semelhança de forma pejorativa e apelativa entre a língua de sinais e a comunicação entre os chimpanzés.

“A língua de sinais é o alfabeto manual?” é uma crença bastante comum. O alfabeto manual ou datilologia é somente um recurso utilizado na soletração de palavras que não tem sinal, nomes próprios de pessoas e lugares e siglas, não podendo ser considerado uma língua, “e sim um código de representação das letras do alfabéticas” (Gesser, 2009, p. 28).

Também existe a crença das línguas de sinais são uma versão sinalizada da língua oral. Essa concepção traz consigo a ideia de que todas as palavras da língua portuguesa, por exemplo, possuem um sinal em Libras, ou que ao surgir uma nova palavra tem que haver a criação de um sinal. Nesse sentido, surge a crença de uma adaptação da língua oral para a de sinais. E ao considerar dessa maneira, desconsidera e deslegitima a língua do povo Surdo. “A língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística” (Gesser, 2009, p. 33). E quando se misturam as duas línguas, sendo em muitos casos uma interação em sinais com a estrutura da língua falada, tem-se a versão sinalizada. No Brasil, a versão sinalizada da língua oral é conhecida como português sinalizado.

Junto a crença anterior, tem outra que é bem próxima: as línguas de sinais surgem das línguas orais. No entanto, a autora afirma que cada língua de sinais tem sua origem e motivação própria, além de existir poucos documentos que registraram as fontes dessas línguas. Apesar disso, algumas línguas de sinais têm origens de outras línguas de sinais, como é o caso da ASL e da Libras que são oriundas da língua de sinais francesa.

Outra crença bastante difundida é de uma homogeneidade da Libras, visto que muitas pessoas acreditam que essa língua apresenta uma só unidade, desconsiderando as variações regionais, geracionais, sociais e históricas que estão presentes. Gesser (2009, p. 39) reflete sobre essa questão ao “dizer que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, na mesma proporção em que é inverdade dizer que todos os surdos usam a mesma Libras”.

A última crença relacionada à língua de sinais apresentada por Gesser (2009) é a de que são línguas ágrafas. A autora esclarece que, até um pouco tempo, não existiam uma grafia para as línguas de sinais e que eram consideradas sem escrita, mas por volta da década de 70 foi criado pela dinamarquesa Valerie Sutton e outros pesquisadores estadunidenses a escrita de sinais, conhecida como *SignWriting*.

A pesquisa realizada por Neves e Quadros (2015) é caracterizada como um estudo de caso e pesquisação e teve por objetivo investigar a relação dos alunos Surdos com a modalidade escrita do português, isto é, as relações das duas línguas em um contexto bilíngue. É válido ressaltar que este trabalho foi um recorte da

pesquisa de doutorado. Nela, tiveram a participação de quatro alunos Surdos oriundos de um curso técnico do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *Campus Palhoça Bílingue*, tendo entre 15 a 20 anos os sujeitos da pesquisa. As aulas de língua portuguesa foram ministradas em Libras pela professora pesquisadora. A coleta de dados foi realizada por meio do instrumento de entrevista, contendo perguntas sobre o ensino de língua portuguesa antes de adentrar no IFCS e quais as expectativas em relação à LPE. Tanto as perguntas como as respostas foram feitos em Libras, sendo que as últimas tiveram que ser gravadas e posteriormente transcritas. Nas reflexões acerca das respostas obtidas pelos alunos Surdos, foram identificadas atitudes positivas em relação à língua portuguesa escrita, uma vez que teve mudança metodológica de ensino e reconhecimento da língua oral como meio de comunicação com as pessoas ouvintes na modalidade escrita em virtude das redes sociais. Com isso, a pesquisa trouxe como resultado que a LPE não foi vista como uma barreira, mas como uma língua que possibilita a interação com a comunidade ouvinte. Neste caso, foi identificado os três componentes de atitudes linguísticas, de acordo com os teóricos pesquisados pelos autores: afetivo – o valor simbólico da língua portuguesa para os Surdos; cognoscitivo – prestígio que a língua portuguesa pode oportunizar; e conativo – a mudança de posicionamento referente à língua, sendo a mudança de conduta, ocasionando na mudança de atitude.

A pesquisa desenvolvida por Sousa e Vieira (2018) procurou compreender as crenças, as perspectivas e as estratégias de alunos ouvintes no aprendizado da Libras. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista com perguntas objetivas e subjetivas, tendo 12 participantes universitários da Universidade Federal do Ceará (UFC), com variação de idade de 19 a 27 anos.

No questionário, que foi dividido em duas partes, sendo a primeira a tratar das crenças e das estratégias dos alunos no processo de aprendizagem da Libras e a segunda a tratar das perspectivas no processo de aprendizagem. Diante das respostas obtidas, as pesquisadoras puderam verificar as crenças e como elas podem influenciar na aprendizagem da língua visual. Nos resultados alcançados, é possível verificar que os discentes ainda não enxergam a Libras como uma língua complexa e com diversos aspectos gramaticais, visto que eles tiveram maior preocupação na memorização dos sinais, na formação das palavras e no alfabeto manual, ocasionando na pensamento

de que a Libras é uma adaptação da língua portuguesa, comumente chamado de português sinalizado. No entanto, as pesquisadoras também revelam que, embora tenham profissionais em formação que detêm crenças e mitos sobre a Libras de forma a descaracterizá-la, há outros a considerar a cultura surda, pois tem contato com a comunidade surda e tem interesse em aprender a língua de sinais do Brasil. Além disso, Sousa e Vieira (2018) acreditam que o professor de Libras como segunda língua (L2) para ouvintes tem um desafio a mais: convencer seus alunos, por meio de seu planejamento que contemple as informações históricas e culturais do povo Surdo, que a Libras é uma língua e detém de todos os aspectos gramaticais como qualquer outra língua.

O trabalho de Sell e Rech (2020) é oriundo de um projeto de pesquisa denominado Libras e Ensino, tendo por objetivo a comparação na oferta da disciplina de Libras nas licenciaturas de duas instituições públicas: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a saber. Com isso, elas procuraram investigar os impactos causados pela disciplina sobre as crenças iniciais dos estudantes nos conceitos relacionados à Surdez e a Libras, por meio de aplicação de questionários ao final das disciplinas, no ano de 2016. O questionário foi composto por cinco (5) indagações em onze (11) turmas das universidades citadas, totalizando cento e cinquenta e uma (151) participantes. A partir dos dados obtidos, as pesquisadoras sistematizaram oito (8) conceitos já desconstruídos pelas pesquisas científicas, mas que ainda persistem no corpo social: todo surdo é mudo; surdez enquanto doença/deficiência; leitura labial; normalização do surdo; surdo como incapaz; surdo como sujeito inferior/subalterno; libras é universal; e limitação da língua de sinais. Como resultado, as pesquisadoras evidenciam ainda o desconhecimento da condição do sujeito surdo e do universo linguístico da Libras e mostram a importância da inserção da disciplina de Libras nos currículos acadêmicos para ajudar na desconstrução de conceitos estereotipados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crenças e as atitudes linguísticas têm um importante desempenho na formação das percepções e ações em relação à língua. Desse modo, no contexto da

Libras, as crenças e atitudes são muito significativas, por conta do histórico de exclusão, marginalização e estigmatização que as línguas de sinais enfrentaram e continuam a enfrentar. Com isso, este trabalho, ao buscar identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de pessoas ouvintes sobre a Libras, através de uma revisão de literatura, além de contribuir para um entendimento mais profundo de como as pessoas ouvintes percebem a língua de sinais.

É importante ressaltar que esta investigação é parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, evidenciando seu potencial em contribuir significativamente para a área de estudos linguísticos, especificamente voltados às línguas de sinais. Por meio de análise das opiniões, sentimentos e tendências de reação de ouvintes em relação à Libras, a pesquisa busca mapear o panorama atual da crenças e atitudes linguísticas.

Em vista disso, podemos perceber que ainda há uma escassez de pesquisas linguísticas focadas nas crenças e atitudes sobre a Libras, por vezes apresentadas como mitos. Embora existam estudos que descrevem as crenças percebidas e pesquisadas, há uma lacuna significativa no que diz respeito às investigações específicas sobre as atitudes linguísticas em relação à língua do povo Surdo. As pesquisas disponíveis tendem a relatar as reações dos autores às crenças, sem explorar de forma aprofundada as atitudes que estão presentes. Desse modo, esta pesquisa contribui para a desmistificação de ideias equivocadas e atitudes negativas, e promove um entendimento mais adequado da língua de sinais. Com esta pesquisa, poderá preencher lacunas existentes na literatura e também desempenha um papel na valorização e no reconhecimento da Libras como uma língua legítima e plena.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Melquisedeque Oliveira Silva. **Língua brasileira de sinais: ferramenta didática para intensificar o aprendizado**. Ilhéus, BA: Editus, 2016.

BARCELOS, A.M.F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre a aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, Ana Maria F.; ABRAHÃO, Maria H. V. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática da língua brasileira de sinais**. Reimp. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, Audrei. **Libras?**: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Fonética e fonologia**. Coleção Letras Libras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Tradução: Dante Moreira Leite. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NEVES, Bruna Crescêncio; QUADROS, Ronice Müller de. A relação dos surdos com a língua portuguesa em um contexto bilíngue. In: RIBEIRO, Tiago; SILVA, Aline Gomes da. **Leitura e escrita na educação de surdos**: das políticas às práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOOP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Douglas Afonso dos. **Crenças e atitudes linguísticas de graduandos do Curso de Letras**: interfaces entre sociolinguística e educação. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET), Marabá, 2022.

SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; RECH, Gabriele Cristine. A disciplina de Libras no ensino superior e seus impactos na visão dos licenciandos em relação à surdez e à Libras. **The Specialist** – Revista PUC/SP, v. 41, n. 1, p. 2-13, 2020.

SOUSA, Marina Figueiredo de; VIEIRA, Patrícia Araújo. Alunos ouvintes aprendendo libras com professores surdos: um estudo de crenças. **Transversal** – Revista em Tradução, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 3-21, 2018.